

TÍTULO DO TRABALHO			
CONSCIÊNCIA DE CLASSE, COTIDIANO E IDEOLOGIA – inferências nos processos de mobilização e organização da classe trabalhadora			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Susana Maria Maia	Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ	Doutoranda
RESUMO (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>É possível, através de lutas particulares da classe trabalhadora, constituir processos de formação de consciência de classe que tenham como horizonte a emancipação humana? Recorremos à literatura marxiana e marxista sobre classe e consciência como produto social e histórico, identificando momentos constitutivos do processo de formação da consciência de classe de forma a subsidiar a leitura da experiência de organização e mobilização da classe trabalhadora. Refletindo sobre a categoria cotidiano, a partir dos elementos constitutivos de sua configuração, identifica-se o movimento de suspensão da vida cotidiana capaz de possibilitar a “superação dialética da particularidade”, apresentando o cotidiano como espaço de transformação social. Por fim, destaca-se a necessidade de apropriação do debate teórico sobre o conceito de ideologia para compreender os processos de mobilização e organização da classe trabalhadora e identificar suas inferências no processo de formação da consciência de classe, na perspectiva de superação da ordem vigente.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ 3)			
Consciência de classe, cotidiano, ideologia.			
ABSTRACT (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>By struggles of the working class is possible constitute a process formation of consciousness of class that have as horizon the human emancipation? We resort to Marx and Marxist literature about class and consciousness as social and historical product, identifying constitutive moments of the class consciousness of the training process in order to support the reading experience in organizing and mobilization of the working class. If we reflect on the quotidian category, from the components of your configuration, we identify the suspension movement of everyday life than can enable the "dialectical overcoming of particularity", featuring the quotidian as social transformation space. Finally, it stands out the requirement of ownership of the theoretical debate about the concept of ideology to understand the processes of mobilization and organization of the working class and identify their inferences in the training process of class consciousness with a view to overcoming the existing order.</p>			
KEYWORDS (ATÉ 3)			
Class Consciousness, Quotidian, Ideology.			
EIXO TEMÁTICO			
Ciência, Filosofia e ideologia: estranhamento ou emancipação.			

CONSCIÊNCIA DE CLASSE, COTIDIANO E IDEOLOGIA – inferências nos processos de mobilização e organização da classe trabalhadora

Introdução

A partir das reflexões de Marx e Engels (2009, p.32) de que “não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência”, compreende-se que a produção das representações e da consciência encontra-se diretamente relacionada com a atividade material desenvolvida pelos homens. A consciência se apresenta, portanto, com um *produto social*. Neste sentido, é preciso compreender que esse movimento de formação da consciência dos indivíduos não ocorre de forma linear, mas apresenta avanços e recuos, a depender do conjunto das condições objetivas e subjetivas desenvolvidas em determinado momento histórico.

Em seus estudos, Marx (2003) vai identificar a constituição da estrutura da sociedade como a relação entre as forças produtivas materiais e as relações sociais de produção, numa dinâmica dialética, sendo as forças produtivas materiais a base sobre a qual se estabelecem as relações sociais de produção que, por conseguinte, é o espaço onde se desenvolvem as forças produtivas. Esta contradição se apresenta com aspectos objetivos e subjetivos que se relacionam numa perspectiva de totalidade.

As condições objetivas e subjetivas precisam amadurecer a ponto de se criar um contexto onde seja possível estabelecer uma contra-hegemonia à sociabilidade posta, no sentido de sua superação. O processo de formação da consciência segue o movimento da contradição das condições objetivas e subjetivas que impactam diretamente no movimento da classe, sendo marcado, portanto, por períodos de avanços e retrocessos, a depender do cenário posto na luta de classes.

Trabalha-se com a assertiva de que os processos de mobilização e organização da classe trabalhadora podem contribuir no sentido de desenvolver experiências que, no contexto do capital, constituem-se como espaços de resistência provocadores do movimento da consciência. Estas experiências de luta concreta na esfera do cotidiano, podem potencializar nos indivíduos sociais a percepção de interesses e necessidades enquanto grupo, contribuindo de forma potencial para sua afirmação enquanto classe capaz de empenhar um projeto histórico com autonomia e independência.

As reflexões contidas neste artigo partem de uma primeira aproximação desenvolvida durante um processo de investigação que tinha por questão de pesquisa a indagação: “é possível, a partir da luta por direitos à cidade, que está inserida no campo da emancipação política,

constituir processos de formação de consciência de classe e de contra-hegemonia que tenham como horizonte a emancipação humana?”¹.

A pesquisa se desenvolveu em uma ocupação urbana na cidade de Belo Horizonte (MG) – *Comunidade Dandara* – articulada em 2009 como uma ação conjunta entre movimentos sociais urbanos e rurais – partindo-se da compreensão da luta pelo direito à cidade como expressão da luta de classes no contexto urbano, na disputa pelo território apropriado pela lógica do capital como espaço de reprodução da propriedade privada e da concentração de renda e de poder.

A partir de entrevistas com lideranças da ocupação e dos movimentos organizadores, acompanhamento de atividades de mobilização e pesquisa documental, procurou-se identificar quais elementos presentes naquela experiência inferiram no processo de formação da consciência de classe dos indivíduos e grupos nela envolvidos.

Recuperamos elementos da discussão realizada na pesquisa para subsidiar a construção deste artigo, partindo da discussão sobre classe e consciência, recuperando elementos da tradição marxiana e marxista acerca da configuração das classes e da consciência de classe como produto social e histórico. Discutimos ainda a esfera da vida cotidiana como espaço de reprodução da relações sociais, identificando elementos significativos que se relacionam e interferem nos momentos constitutivos do processo de formação da consciência de classe.

Entendemos que a reflexão acerca do cotidiano e senso comum se constitui como ponto central de intercessão na reflexão do movimento da consciência, estabelecido a partir do movimento da classe.

No estudo realizado anteriormente não estabelecemos o diálogo com a categoria da ideologia, porém, esta perpassou o conjunto das reflexões e lacunas identificadas. Neste artigo trazemos algumas pontuações sobre o debate da categoria a partir de concepções variadas dentro do pensamento marxiano e marxista, o que nos indica a importância de um aprofundamento que nos propicie dialogar e apontar as inferências destas categorias nos processos de mobilização e organização da classe trabalhadora, na perspectiva de superação da ordem vigente.

1. Consciência como produto social histórico

Para Marx e Engels (2009) o pressuposto de toda a existência humana é de que os homens devem possuir condições de viver para fazer a história. Neste sentido, o primeiro ato histórico da

¹ Este artigo é uma sistematização das reflexões contidas na dissertação “**Luta Coletiva e Consciência de Classe: vivências e aprendizados na experiência da ocupação Dandara**”, defendida no Programa de Mestrado em Serviço Social, da Universidade Federal de Juiz de Fora, no ano de 2014.

humanidade é a produção dos meios necessários para subsistência da própria vida e é a partir deste ato de produção que os homens produzem a sua própria vida material. A ação de satisfazer essa necessidade imediata acaba por conduzir a outras necessidades, que vão culminar no processo de reprodução da vida social, estabelecendo, inclusive, as relações sociais.

O modo de produção da vida – material e social – dependerá da natureza dos meios que os indivíduos possuem para tal, representando uma forma determinada de organização de suas atividades. Ao longo da história, a humanidade desenvolveu diversas formas de sociabilidade, porém, com o advento da ordem burguesa e o modo de produção capitalista, há uma redefinição expressiva das relações. É sobre esta nova ordem que Marx e Engels desenvolvem suas análises.

Encontramos, no conjunto da obra marxiana, elementos determinantes para a compreensão da construção da categoria *classe*, bem como para a análise do contexto da *luta de classes*, intrínseca no capitalismo, e para a reflexão da *consciência*.

Já no *Manifesto Comunista* Marx e Engels (2010) estabelecem “princípios gerais” para compreender a estrutura da sociedade de classes, com a advertência de que a aplicação destes sempre dependerá das circunstâncias históricas existentes. Analisam de que a dinâmica da *luta de classes* na ordem burguesa simplifica os antagonismos de classe e dispõe os interesses da sociedade em dois grandes blocos, determinados a partir do lugar que ocupam no processo de produção – os que detêm os meios de produção (a classe burguesa) e os que não detêm os meios de produção e são obrigados a vender sua força de trabalho (a classe operária).

A análise dos autores fundamenta-se numa perspectiva revolucionária, a partir do ponto de vista da classe operária, compreendendo a dinâmica da ordem burguesa centralizada historicamente no contexto das lutas de classes. É esta que irá dinamizar o movimento da história.

Em Marx, *classe* não é um conceito fixo, ao contrário, é uma determinação da realidade vinculada aos desdobramentos reais dos processos históricos. Uma classe representa uma totalidade onde os sujeitos se reconhecem no outro (consciência) reforçando identidades e características que afirmam esta classe como diversa de outro grupo, tornando-a capaz de construir, numa situação determinada, um projeto construído coletivamente. É nesta base que Marx constrói sua definição de *classe em si* e *classe para si*² para determinar o movimento da classe:

² Categorias incorporadas do pensamento hegeliano, em si (*an sich*) e para si (*für sich*). Mészáros (2008) salienta que Marx rejeita a ideia hegeliana de *para si* como “momento independente”, porém mantém os critérios de universalidade e aut mediação ao tratar o proletariado como classe para si, além de ser uma classe contra o capital.

As condições econômicas tinham a princípio transformado a massa da população do país em trabalhadores. A dominação do capital criou para esta massa uma situação comum, interesses comuns. Assim, esta massa já é uma classe diante do capital, mas não o é ainda em si mesma. Na luta, da qual assinalamos apenas algumas fases, esta massa se reúne, se constitui em classe em si mesma. Os interesses que ela defende tornam-se interesses de classe (MARX, s/d, p.148).

É no reconhecimento como classe em si que se torna possível se constituir como *classe para si*, tomando *consciência* de quem ela é; se tornando capaz de elaborar uma organização e processos de luta ancorados em um projeto revolucionário. Este movimento da classe congrega dimensões objetivas e subjetivas que não constituem uma perspectiva de “etapismo”, de forma maniqueísta. Elemento que abordaremos adiante.

Contrapondo às ideias idealistas e empiristas que marcavam o contexto do séc. XIX, Marx e Engels, fundamentados na perspectiva do materialismo histórico-dialético, afirmam que “não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência” (MARX e ENGELS, 2009, p.32), tendo o desenvolvimento prático dos homens sob determinadas condições sócio-históricas como pressuposto.

A produção das representações e da consciência, portanto, encontra-se diretamente relacionada com a atividade material desenvolvida pelos homens, o que baliza o entendimento da *consciência como produto social*.

Os homens são os produtores das suas representações, ideias, etc., mas os homens reais, os homens que realizam, tal como se encontram condicionados por um determinado desenvolvimento das forças produtivas e pelas relações que a estas corresponde até as suas formações mais avançadas. A consciência nunca pode ser outra coisa senão o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo real de vida (...) parte-se dos homens realmente ativos, e com base no seu processo real de vida apresenta-se também o desenvolvimento dos reflexos e ecos ideológicos desse processo de vida (MARX e ENGELS, 2009, p.31).

A consciência parte do ambiente do imediato, das relações estabelecidas com outras pessoas, movimento que vai propiciando ao indivíduo tornar-se consciente de si. Tendo como referência a reflexão de *classe em si* e *classe para si* para determinar o movimento da classe, podemos afirmar que o movimento da consciência percorre as mesmas determinações.

Nesta perspectiva de análise, situamos três momentos significativos do processo de formação da consciência – a consciência inicial, a consciência em si e a consciência de classe. Procuramos compreender elementos característicos destas “fases” da consciência, a partir de sua relação com a vida cotidiana e com o instrumento da luta de classes.

2. A vida cotidiana como esfera de reprodução social

Como afirma Marx e Engels (2009, p.44), a consciência é “antes de tudo, a mera consciência do meio sensível *mais imediato* e consciência do vínculo limitado com outras pessoas e coisas”. O começo da consciência do homem é a “consciência da necessidade [*Notwendigkeit*] de entrar em ligação com os indivíduos à sua volta” (idem).

Herdada pela pessoa ao nascer, esta forma da consciência é uma forma particular historicamente determinada, assumida pelo indivíduo como *natural* – “o indivíduo interioriza essas relações, as transforma em normas, estando pronto para reproduzi-las em outras relações através da associação” (IASI, 2011, p.17). Este processo de interiorização, reprodução e transformação se desenvolve na esfera da vida cotidiana, espaço onde é produzida a existência social dos seres humanos.

Lukács, em seu *Prefácio* à obra de Heller (1994) salienta que somente através da mediação da esfera do cotidiano é possível compreender as inter-relações e interações entre o mundo econômico-social e a vida humana, pois é nesta esfera que os homens se adaptam às formas sociais produzidas pelas forças produtivas históricas.

Heller (2008) destaca que o homem já nasce inserido em um cotidiano e seu amadurecimento na sociedade se mede a partir da capacidade em desenvolver as habilidades necessárias para viver a cotidianidade estabelecida, ou seja, habilidades para se “adequar” ao conjunto de regras, tradições, valores, normas já estabelecidas. Esse amadurecimento inicia sob a interferência de *grupos* que “estabelecem uma mediação entre o indivíduo e os costumes, as normas e a ética de outras integrações maiores” (HELLER, 2008, p.34).

A vida cotidiana apresenta componentes ontológico-estruturais orientados para as formas particulares de objetividade e de atividade da vida cotidiana como totalidade específica. Esses momentos característicos do comportamento e pensamento cotidianos formam uma conexão entre si, sendo necessários para que o homem seja capaz de viver na cotidianidade. Podemos correlacionar estas características da vida cotidiana como determinantes sobre o movimento da consciência, todavia agem de forma mais contundente sobre a *primeira forma de consciência* – a consciência inicial, imediata.

A vida cotidiana é *heterogênea*, em especial no que tange ao conteúdo e à significação dos tipos de atividade. O cotidiano se apresenta de forma diferente para cada indivíduo e quanto mais relações ele estabelece, mais sua vida cotidiana é heterogênea, pois cada inserção em um grupo determinado lhe deixa características específicas. Diante desta heterogeneidade, o comportamento dos indivíduos é marcado pela *espontaneidade*, seja em relação suas motivações particulares ou às suas atividades humano-genéricas. Esta espontaneidade torna praticável a produção e reprodução da vida social, uma vez que “se nos dispuséssemos a refletir sobre o conteúdo de verdade material ou formal de cada uma de nossas formas de atividade, não poderíamos realizar nem sequer uma fração das atividades cotidianas imprescindíveis” (HELLER, 2008, p.47).

O espontaneísmo, associado ao automatismo, conduz à utilização de um conhecimento instrumental dado pela *imediatez*, que se expressa através da ação de uma resposta ativa, uma relação direta entre pensamento e ação (NETTO, 2007). A junção da heterogeneidade e da imediatez levam o indivíduo a viver no cotidiano uma *superficialidade extensiva*, onde não consegue construir relações de forma intensa.

A cotidianidade impõe aos indivíduos um padrão de comportamento que cristaliza uma forma de ser do ser social na vida cotidiana expressa num pensamento e numa prática peculiares: “ambos se expressam, liminarmente, num *materialismo espontâneo* e num tendencial *pragmatismo*” (NETTO, 2007, p.68). A dinâmica cotidiana requisita, dos indivíduos, respostas funcionais às situações, que demandam tão somente a manipulação de variáveis para a consecução de resultados eficazes. Por isso, a conduta automática é muitas vezes mecânica.

O indivíduo responde às questões postas no cotidiano levando em conta o somatório dos fenômenos que compõem em cada situação precisa, sem considerar as relações que os vinculam. Sua atuação passa a basear-se na *probabilidade*, onde não se calcula de forma instantânea a consequência possível de uma ação (HELLER, 2008).

Destaca-se ainda a característica da *entonação*, elemento que irá determinar a singularidade, seja do indivíduo, grupo, situação ou realidade. A entonação tem importância tanto na configuração da atividade e pensamento do indivíduo, quanto na relação com os outros – “o aparecimento de um indivíduo em dado meio “dá o tom” do sujeito em questão, produz uma atmosfera tonal específica em torno dele e que continua depois a envolvê-lo” (HELLER, 2008, p.56).

Este conjunto de elementos característicos forma uma conexão necessária para o desenvolvimento do pensamento e da ação na vida cotidiana, porém, precisam deixar uma

margem de movimento e possibilidades de explicitação ao indivíduo. No nível do cotidiano, encontramos um tipo de conhecimento não sistemático, adquirido pela experiência, e estabelecemos um movimento mecânico e automatizado que dirige a consciência.

Em seus estudos sobre a formação da classe operária inglesa, Thompson (2004) discute a configuração da classe a partir da experiência. O *fazer-se da classe* ocorre na vivência das relações, através do que extraímos como *experiência vivida* e *experiência percebida*. A experiência vivida é a experiência de cotidiano típico da própria classe, é uma vivência automática, sendo necessário algo que supere esta automação³.

A vida cotidiana caracteriza-se pela *unidade imediata de pensamento e ação* fazendo com que as ideias expressas no cotidiano não se elevem à teoria, assim como as atividades à condição de práxis. A elevação do exercício prático individual e/ou coletivo ao patamar da práxis, só é possível se realizada enquanto *atividade humano-genérica consciente*.

Segundo Iasi (2012) o processo de formação da consciência encontra-se num jogo de mediações ligado às determinações particulares e genéricas que constituem o ser social. Num primeiro momento, esta consciência só poder ser considerada como a consciência das relações que o indivíduo estabelece com as coisas e pessoas situadas no espaço imediato de sua ação, a esfera da vida cotidiana e do senso comum.

Neste primeiro momento, a consciência se afirma como conformação dos indivíduos a uma determinada ordem societária. Toda pessoa tem alguma representação mental de sua vida e de seus atos; essa representação é constituída a partir do espaço de inserção imediata da pessoa. Nesta perspectiva de análise, a consciência seria “uma realidade externa que se interioriza” (IASI, 2011, p.14).

A vida cotidiana é aquela em que se reproduz a cotidianidade, os aprendizados, tradições, ritos, costumes, valores, que constituem nosso *senso comum*. Na reflexão sobre o senso comum, Gramsci (2004a) nos adverte que pertencemos a um determinado grupo que compartilha um mesmo modo de pensar e de agir, nos tornando, de certa forma, “conformistas”, no sentido de nos conformar com determinada concepção de mundo: “somos sempre homem-massa ou homens-coletivos”. Esta concepção de mundo herdada influi sobre a conduta moral e a “direção da vontade” dos homens, podendo atingir um ponto de passividade moral e política.

Analisando a configuração da sociedade burguesa, Marx e Engels (2009) irão identificar que é com o desenvolvimento da divisão social do trabalho, onde se estabelece a divisão entre o

³ A experiência percebida possibilitaria ao indivíduo identificar outros na mesma situação e tomar consciência de que, para modificar a realidade, é preciso se unir. Ao perceber-se, constrói consciência de classe e esta “percepção” tem a intermediação de um sujeito coletivo.

trabalho material e espiritual (*geistigen*), que a consciência adquire condições de se emancipar do mundo – “a consciência *pode* realmente imaginar ser outra coisa diferente da consciência da práxis existente, representar algo realmente sem representar algo real” (MARX e ENGELS, 2009, p.45). Este fenômeno, caracterizado como *alienação* faz com que a consciência se apresente ao homem como um poder totalmente estranho⁴.

Esta primeira forma de consciência apresenta-se como *alienação* não porque se desvincula da realidade, mas por naturalizá-la e desvincular os elementos componentes da visão de mundo de seu contexto e de sua história.

O caráter imediato desta relação produz nesta primeira visão sobre o mundo um efeito que é o de tomar o todo pela parte, abrindo caminho para naturalizar esta forma particular universalizada e, assim, chegar à conclusão de que sempre foi assim e por este motivo sempre será (IASI, 2012, p.200).

Essa consciência imediata, herdada de uma sociabilidade objetiva imposta, se apresenta como consciência individual, naturalizada e atemporal, desagregada e ocasional, pela qual o indivíduo julga sua subjetividade. Esta primeira forma assumida pela consciência social se apresenta como se fosse universal, conduzindo os indivíduos a acreditarem que a realidade sempre foi e será desta forma dada. Neste sentido, assume uma forma de imposição, de objetividade internalizada.

É neste processo de naturalização e universalização que a ideologia passa a funcionar como instrumento de dominação política de uma classe, sendo expressão organizada e sistemática deste interesse particular que se apresenta como universalidade. Adentraremos nesta discussão mais adiante.

3. A suspensão do cotidiano e o movimento da consciência

A esfera do cotidiano é uma esfera *insuprimível* da vida social (HELLER, 2008 e NETTO, 2007). A vida cotidiana é a vida de todo homem, de cada indivíduo, que é sempre, *simultaneamente*, ser particular e ser genérico. Sua particularidade expressa sua individualidade, porém, por si só não expressa a essência da humanidade. O ser genérico está contido em cada homem, em especial, naquelas atividades que possuem caráter genérico, mesmo seus objetivos sendo aparentemente particulares.

⁴ Não entraremos neste artigo na discussão sobre o fenômeno da alienação, apesar de sua relação intrínseca com o tema proposto. Iniciamos uma reflexão inicial na dissertação que demanda um maior aprofundamento teórico, inclusive para problematizar a reflexão sobre a categoria *ideologia* no campo marxista.

Lefebvre (1991) ressalta que o cotidiano é a vida do *homem inteiro*, onde este participa com todos os aspectos de sua individualidade, tornando possível desenvolver todos seus sentidos, capacidades intelectuais, habilidades, sentimentos, ideologias. Nesta perspectiva, defende que a vida cotidiana é marcada por uma série de elementos e características que a coloca como o lugar privilegiado para a reprodução de relações alienantes, mas também é nele que se constroem experiências emancipatórias.

É no nível das relações expressas no cotidiano que se desenvolve a passagem para uma nova etapa do processo de consciência, marcada por uma crise ideológica, a partir de uma “dissonância entre as relações interiorizadas como ideologia e a forma concreta como se efetivam na realidade em mudança” (IASI, 2011, p.27). A introjeção de novos valores provoca uma contradição, vivida pelo indivíduo como um conflito subjetivo, fazendo com que as relações estabelecidas passem a não corresponder com estes valores interiorizados.

Nesta contradição, a primeira forma de consciência pode ser rerepresentada e a vivência entre antigos valores e a materialidade de novas relações vividas, pode produzir uma “inquietação que mobiliza para a ação” (IASI, 2012), podendo gerar uma inicial superação da alienação.

Todo cotidiano é produto da ação humana, possui uma dimensão histórica, é a esfera onde “a reprodução social se realiza na reprodução dos indivíduos enquanto tais” (GRAMSCI, 2004b, p.206). É nesta lógica, de esfera de reprodução social e de produto da ação histórica dos indivíduos, que encontramos as possibilidades de estabelecer o movimento de *suspensão* do cotidiano, que fortalece a dimensão do genérico-humano.

Trata-se de um processo onde o indivíduo homogeneiza todas suas faculdades e as “direciona num projeto em que ele transcende a sua singularidade numa objetivação na qual se reconhece como portador da consciência humano-genérica” (NETTO, 2007, p.69). Esse acesso à consciência humano-genérica só é possível quando o indivíduo utiliza “*não todas as suas forças, mas toda a sua força* numa objetivação duradoura [...] o indivíduo se instaura como particularidade, espaço de mediação entre o singular e o universal, e comporta-se como *inteiramente homem*” (idem).

Netto (2007) identifica, a partir de Lukács, três formas privilegiadas que permitem suspender a heterogeneidade da vida cotidiana: o trabalho criador, a arte e a ciência – esferas estas que se destacam das objetivações cotidianas, adquirindo autonomia e legalidade próprias no processo de constituição do ser social. As suspensões realizadas permitem aos indivíduos assumirem-se como seres humano-genéricos.

Destacamos que no prefácio da obra de Netto (2007), Löwy, afirma que a ruptura dialética com a reificação cotidiana também é possível através da *práxis revolucionária*, enquanto ação emancipadora da classe oprimida. Para o autor, falta acrescentar nas formas de suspensão da vida cotidiana esta dimensão, que se apresenta como “a ação coletiva, a práxis libertadora, a transformação dos explorados em *sujeitos históricos* conscientes” (NETTO, 2007, p.11).

É neste campo que compreendemos que os processos de mobilização e organização da classe trabalhadora são espaços privilegiados para favorecer o desenvolvimento da dimensão subjetiva da luta de classes, contribuindo diretamente para o movimento da consciência.

Na análise dos movimentos da consciência, é a partir da luta que se alcança o *segundo momento da consciência*. Iasi (2012) indica que um dos instrumentos desta passagem é o grupo, a experiência coletiva. É a vivência com um grupo imediato que molda o indivíduo para a ordem social vigente, todavia, esta mesma inserção pode ser “a fonte de socialização de uma visão de mundo marcada pela luta e pelo confronto com esta mesma ordem” (ibid., p.256). A ação coletiva pode colocar as relações sociais vividas em um novo patamar; não simplesmente como ato de “revolta”, mas com a possibilidade de alterá-las. Esta é a chamada *consciência em si*.

A *consciência em si* baseia-se ainda na vivência das relações imediatas, não mais do ponto de vista do indivíduo, mas do grupo. Iasi destaca que a forma mais clássica de manifestação dessa forma de consciência é a luta sindical, porém incorpora “as lutas populares, os movimentos culturais, o movimento de mulheres e outras manifestações de lutas coletivas de setores, grupos e categorias sociais das mais diversas” (IASI, 2011, p.30).

Na conformação da classe em si, o proletariado se afirma como classe, com interesses distintos e antagônicos ao capital. Como citado anteriormente, nas palavras de Marx: “a dominação do capital criou para esta massa uma situação comum, interesses comuns. Assim, esta massa já é uma classe diante do capital, mas não o é ainda em si mesma” (MARX, s/d, p.148).

Iasi (2012, p.117) ressalta que o “ser social que emerge nada mais é que o próprio ser social do capital antes velado pela fragmentação individual: a *classe em si*”. Por sua condição de existência, pela posição que ocupa na divisão social do trabalho, já é uma classe distinta, mas é na ação que se produz a fusão de classe.

É a partir desta afirmação de sua identidade e organização enquanto classe que é possível estabelecer bases para a constituição de uma dimensão subjetiva que contribua para a elevação do movimento da consciência a um novo patamar, que constitui o *terceiro momento da consciência*: a *consciência de classe*, *consciência para si*, ou *consciência revolucionária*.

[...] a busca da compreensão das causas, o desvelar das aparências e a análise da essência do funcionamento da sociedade e suas relações. Buscar saber como funciona a sociedade para saber como é possível transformá-la. É na própria constatação de que a sociedade precisa ser transformada que se supera a consciência da reivindicação pela transformação (IASI, 2011, p.35).

Este novo patamar da consciência abre uma nova e importante contradição. Mesmo compreendendo que “as alterações da consciência só podem ser vivenciadas em nível individual, o processo de transformação que irá realizá-la é necessariamente social, envolvendo mais que a ação individual, a de classe” (ibid., p.35-36). A consciência da “possibilidade de vitória” exige que o indivíduo seja capaz de se compreender para além dos limites de si próprio, mas num esforço coletivo enquanto classe, e além dela.

Este se constituiria como o terceiro momento indicado por Gramsci (2007) como a fase mais estritamente política, denominado *fase hegemônica*, se atinge a consciência de classe e há a superação da luta corporativa⁵. Esta forma última da consciência seria, para Gramsci, a consciência ético-política, através da qual um grupo supera seus interesses meramente corporativos e se eleva à condição de classe universal, “capaz de tornar hegemônica na medida em que dá respostas historicamente universais às questões vividas pelo povo-nação e pela humanidade numa época concreta” (COUTINHO, 1996, p.25).

Esta elevação da consciência, se dá com a incorporação de elementos do *bom senso* (GRAMSCI, 2004a). O bom senso se contrapõe ao senso comum por estabelecer uma unidade entre uma concepção do mundo e uma norma de conduta adequada a ela. Um dos elementos determinantes para desenvolvê-lo é ter consciência da historicidade e das concepções em que ela se relaciona de forma contraditória. Daí o papel da “filosofia da práxis⁶” como ferramenta que possibilita elevar do senso comum ao bom senso através de “progresso intelectual”, estabelecendo uma *nova cultura*.

Uma filosofia da práxis só pode apresentar-se, inicialmente, em atitude polêmica e crítica, como superação da maneira de pensar precedente e do pensamento concreto existente. E, portanto, antes de tudo, como crítica do

⁵ Gramsci (2007) também se atém a analisar o processo de elevação de consciência, indicando, nos Cadernos do Cárcere, três momentos da consciência política coletiva, referentes ao grau de homogeneidade, autoconsciência e organização alcançado pelos grupos sociais: o *econômico-corporativo* (onde um grupo social específico toma consciência de seus interesses e da necessidade de organizá-los, mas ainda não desenvolveu uma unidade enquanto grupo social mais amplo); o *sindicalista* (onde se atinge a consciência de solidariedade de interesses entre todos os membros do grupo social, porém ainda no campo econômico) e a *fase hegemônica*.

⁶ Para Gramsci, somente o conhecimento proporcionado pela *filosofia da práxis*, o marxismo, possibilita um conhecimento crítico da realidade que leve à sua transformação.

“senso comum” [...] não busca manter os “simples” na sua filosofia primitiva do senso comum, mas busca, ao contrário, conduzi-los a uma concepção de vida superior (GRAMSCI, 2004a, p.103).

Este progresso intelectual possibilita tornar a prática mais homogênea, coerente, eficiente em todos os seus elementos, isto é, “elevando-a a máxima potência”. A relação teoria-prática é um ato crítico que permite aos homens criticar a própria concepção de mundo, progredindo até a aquisição de uma concepção do mundo coerente e unitária.

Vale destacar que as suspensões não são contínuas, estabelecem um circuito de retorno à cotidianidade, a partir do qual o indivíduo passa a percebê-la de forma diferenciada, concebendo-a como um *espaço compulsório de humanização*, de enriquecimento e ampliação do ser social. O sujeito sempre se modifica, “a dialética da cotidianidade/suspensão é a dialética da processualidade da constituição e do desenvolvimento do ser social” (HELLER, 2008, p.71). A elevação da cotidianidade possibilita ao indivíduo dirigir-se para o exterior e converter-se em instrumento de realização do humano-genérico.

Podemos, portanto, afirmar que a consciência se desenvolve em movimento. Em cada momento do processo de formação da consciência já estão presentes os elementos de sua superação, ao mesmo tempo em que, em determinado contexto, onde as determinações objetivas e subjetivas impactam no refluxo da luta de classes, essa consciência pode sofrer um retrocesso, voltando a ficar mais latente elementos conservadores que impedem novos saltos da consciência. As gradações na consciência de classe dizem respeito à “possibilidade objetiva do tornar-se consciente” (LUKÁCS, 2003, p.75).

A consciência se processa em movimento, os momentos da consciência equivalem aos momentos da *classe em movimento*, enquanto sujeito histórico, e cada um desses momentos é expressão da consciência de classe: “é tão consciência de classe a alienação e o senso comum como a consciência da necessidade de transformação revolucionária da ordem do capital” (IASI, 2012, p.320).

4. Consciência de classe e o debate da Ideologia

Nos estudos realizados a partir da pesquisa de dissertação, diversos elementos e indagações nos alertaram para a necessidade de trazer para o debate a reflexão sobre a categoria *ideologia*, uma vez que esta circunda tanto as discussões sobre a consciência quanto ao cotidiano.

De princípio destacamos três menções à categoria da ideologia identificadas nos estudos já realizados, que precisamos situar e aprofundar: 1) a ideologia dominante utiliza para a manutenção de sua dominação o conjunto de elementos que representam a forma estabelecida de senso comum e neste processo de naturalização e universalização da ideia dominante, a ideologia é instrumento de dominação política da classe; 2) a passagem para uma nova etapa do processo de formação da consciência de classe é sempre marcada por uma crise ideológica, ou seja, uma “dissonância entre as relações interiorizadas como ideologia e a forma concreta como se efetivam na realidade em mudança” (IASI, 2011, p.27); 3) a relação da ideologia com o processo de movimento da consciência e a construção da contra-hegemonia de rompimento com a ordem vigente.

Ainda estamos no momento de mapear as discussões, mas buscamos já lançar neste artigo algumas provocações iniciais de forma a iniciar o diálogo do percurso teórico necessário para aprofundar as questões apontadas acima e identificar as inferências da categoria ideologia nos processos de mobilização e organização da classe trabalhadora.

O conceito de ideologia surge em 1801 a partir da publicação de Destutt de Tracy, filósofo enciclopedista francês, que, preocupado com a visão de mundo de como as pessoas explicam a realidade, pensa uma ciência que dê conta da mente humana, de como o pensamento humano se constrói de forma científica. Tracy propõe um estudo sensorial para estudar as origens das ideias no mundo sensível, perceptível. Pretendia, em especial, que seu estudo possibilitasse entender como funciona o pensamento humano para detectar seus erros e retificá-los para ajudar os governantes a governar a sociedade, a reproduzir, reorganizar a sociedade (LÖWI, 2009).

Partimos da assertiva que de, historicamente, diversas concepções acerca da ideologia foram desenvolvidas. Como nos indica Mészáros (2008), na própria tradição marxista a categoria ideologia é tratada de forma diversificada. Deparamo-nos com duas concepções de ideologia, uma de *sentido restrito*, outra de *sentido ampliado*.

Tomando a ideologia em seu sentido restrito, a temos a partir de uma visão crítica ou negativa, compreendida a partir de dois critérios: como vínculo necessário com a classe social dominante e como instrumento de dominação social. Este conceito de ideologia aparece em Marx desde seus escritos de juventude, “designando as formas especulativas, idealistas e metafísicas da consciência social” (LÖWY, 2009, p.113).

As ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes, ou seja, a classe que é o poder *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder *espiritual* dominante [...] as ideias dominantes não são mais

do que a expressão ideal das relações materiais dominantes [...] portanto, das relações que precisamente tornam dominante uma classe (MARX e ENGELS, 2009, p.67).

Para Marx e Engels a classe dominante, para realizar seu propósito, cria mecanismos para apresentar seu interesse como o interesse universal de toda a sociedade, o apresentando como “único racional e universalmente válido”. Remetem a ideologia a um sistema ordenado de ideias e representações sobre a realidade, entrelaçado diretamente com a atividade material dos homens. A noção de ideologia para Marx está ligada à divisão da sociedade de classes e à “forma como a classe dominante elabora e difunde sua visão de mundo, buscando torna-la universal” (IASI, 2011, p.78).

A ideologia é utilizada para mascarar a realidade, é uma *falsa consciência*. Enquanto “falsa consciência”, a ideologia é analisada como um instrumento que inverte a realidade, processo pelo qual a classe dominante inverte suas representações e desenvolve nos indivíduos uma consciência que não corresponde com sua própria existência de classe. A “inversão” da realidade, proporcionada pela ideologia, representa a inversão dada nas relações materiais e sociais, estabelecidas pela contradição da ordem social do capital.

A discussão dentro do marxismo que abre espaços para a discussão ampliada da ideologia ocorre a partir da II Internacional. É preciso fazer um estudo do mapeamento das diferentes concepções adotadas por marxistas de diversificadas correntes de pensamento, mas aqui pontuamos algumas breves sinalizações.

Pensada em seu sentido amplo, a ideologia pode ser vista como instrumento tanto para a integração à ordem do capital, a partir do amoldamento e consentimento das consciências, como para o enfrentamento de classes e ruptura com a sociabilidade. A ideologia seria tratada como um conjunto de ideias vinculado a grupos e/ou classes sociais, como uma visão ou concepção de mundo.

Löwi (1986) ressalta que Lenin apresenta a reflexão da vinculação da ideologia com a posição de classe, abrindo a margem para a existência de uma “ideologia proletária”. A ideologia passa a ser discutida, no âmbito do marxismo, como um conjunto de concepções, ideias, representações, teorias que orientam para a legitimação e reprodução da ordem ou que podem fortalecer o direcionamento das ações revolucionárias de rompimento com a sociabilidade estabelecida.

Voltando à nossa discussão sobre consciência e cotidiano. Se a consciência é apresentada mediante um conjunto de normatizações que é interiorizado, onde os valores centrais deste “real”

são assumidos pelo ser social como seu; este conjunto de elementos representa a forma estabelecida de senso comum, que servirá de base para o desenvolvimento da ideologia dominante.

Para manter sua dominação, a burguesia cria uma “doutrina fechada” da economia, Estado, sociedade, dentre outros, constituindo uma “visão de mundo” que contribua para tornar consciente entre os indivíduos sua “vocação” para a dominação e organização da sociedade. A combatividade de uma classe é medida pela capacidade de interferir nos fenômenos e sua vocação para a dominação representa a capacidade de organizar o conjunto da sociedade, conforme seus interesses e de sua consciência de classe.

Toda tática proletária sem princípios rebaixa o materialismo histórico à mera “ideologia”, impõe ao proletariado um método de luta burguês (ou pequeno-burguês); despoja-o de suas melhores forças ao atribuir à sua consciência de classe o papel de uma consciência burguesa, papel de simples acompanhamento ou de inibição (isto é, de inibição apenas para o proletariado), em vez da função motriz determinada à consciência proletária (LUKÁCS, 2003, p.174).

Analisando o desenvolvimento da consciência a partir da ordem burguesa, Lukács (2003) ressalta que é nela que se identifica a luta ideológica pela disputa da consciência, pelo desvelamento ou dissimulação do caráter de classe da sociedade. Diante dessa assertiva reforçamos a relevância de aprofundar o estudo acerca da ideologia, em especial, a partir do mapeamento das diversas leituras no campo do marxismo, a fim de buscar novas chaves de leitura dos processos de mobilização e organização da classe trabalhadora no cenário da luta de classes, compreendendo consciência e ideologia como dimensões interligadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Antes a frase ia além do conteúdo;
agora é o conteúdo que vai além da frase*
Karl Marx

A consciência é um produto social e histórico, determinada pela vida, ou seja, pelas condições materiais onde se constituem as relações sociais. A consciência é relação, seu movimento não se desenvolve de forma individualista, embora se expresse também de forma individualizada junto aos sujeitos. Seu movimento é impulsionado por experiências coletivas, a partir do contexto da luta de classes, intrínseca à ordem do capital.

Refletimos sobre os três momentos significativos do processo de formação da consciência de classe – a consciência inicial, a consciência em si e a consciência de classe – estes, se desenvolvem de forma dialética, não linear, onde cada momento já traz em si os elementos de sua superação. O processo de formação da consciência de classe é permeado pela dimensão subjetiva e objetiva, este encontra sua determinação no movimento próprio de ser da classe trabalhadora, “ora amoldada à ordem do capital, ora em luta por seus interesses imediatos, ou, em circunstâncias especiais, se conformando como uma classe que aponta para além da ordem do capital” (IASI, 2011, p.7); e na necessidade de transformação da base material da sociedade, sobre a qual se estruturam as relações materiais e sociais que constituem a forma de sociabilidade.

É nesta perspectiva que podemos inserir as formas de mobilização e organização como estratégias da classe trabalhadora para desenvolver processos de emancipação no conjunto da sociedade como mediação de formas de genericidade.

A partir da investigação realizada na dissertação, identificamos na experiência vivenciada na ocupação urbana Dandara, elementos que apontam para o desenvolvimento de uma consciência crítica junto aos indivíduos. Uma consciência crítica embrionária, que eleva os indivíduos de sua condição imediata, porém ainda com limitações para a constituição do que denominamos *consciência em si e consciência de classe*. Todavia cabe ressaltar que o movimento de consciência que a ação coletiva provoca junto aos indivíduos envolvidos é de extrema relevância para perspectiva de organização da classe.

A experiência coletiva proporciona, junto aos indivíduos, a identificação de sua situação com a realidade de outros indivíduos e grupos, identificando interesses comuns em contraposição a grupos e instituições que possuem interesses divergentes. A articulação com outras lutas sociais favorece a percepção de que a luta não se reduz aos que estão circunscritos naquela realidade, mas se articula com outros indivíduos e grupos, ganhando uma dimensão mais ampla, favorecendo uma compreensão, ainda embrionária, das contradições e conflitos entre classes.

Entendo que podemos associar essas inserções como possíveis movimentos de suspensão da vida cotidiana, que favorecem a produção de um espaço compulsório de humanização, enriquecimento e ampliação do ser social.

Neste sentido, reafirma-se que experiências de mobilização e organização da classe trabalhadora podem contribuir para o processo de formação da consciência de classe e o confronto com a ideologia dominante, na busca por construir nossas concepções de mundo e

relações sociais, políticas e econômicas. Aqui se insere a relevância de se apropriar da discussão acerca da categoria ideologia a fim de identificar as inferências no movimento da consciência.

Se na sociedade de classes nos deparamos com ideias dominantes que expressam as relações materiais dominantes e estão a serviço da manutenção dessa dominação, não pressupõe a existência de ideias dominadas, ligadas às classes dominadas? Num processo de mobilização e organização dessas classes, que atuam em processos de elevação da consciência, essas ideias não se constituiriam uma ideologia revolucionária? Uma nova consciência social não está vinculada a uma nova ideologia, constituída sobre novas bases materiais?

Essas são as indagações iniciais de um longo e profícuo caminho de ampliação do conhecimento e leitura da realidade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

COUTINHO, Carlos Nelson. Lukács, a ontologia e a política. In.: ANTUNES, Ricardo e RÊGO, Walquiria Leão (orgs.). **Lukács: um Galileu no século XX**. São Paulo: Boitempo, 1996, p.16-26.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Vol.1. Trad.: Carlos Nelson Coutinho. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004a.

_____. **Cadernos do Cárcere**. Vol.2. Trad.: Carlos Nelson Coutinho. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004b.

_____. **Cadernos do Cárcere**. Vol.3. Trad.: Carlos Nelson Coutinho. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

HELLER, Agnes. **Sociología de la vida cotidiana**. Trad.: J.F.Yvars y E.Pérez Nadal. Barcelona: Ediciones Península, 1994.

_____. **O Cotidiano e a História**. Trad.: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 8.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

IASI, Mauro Luis. **Ensaio sobre consciência e emancipação**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

_____. **As metamorfoses da consciência de classe**. O PT entre a negação e o consentimento. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Trad.: Alcides João de Barros. São Paulo: Editora Ática, 1991.

LÖWY, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento**. São Paulo: Cortez, 2009.

LUKÁCS, György. **História e consciência de classe**. Estudos sobre a dialética marxista. Trad.: Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, Karl. **Miséria da filosofia**. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, s/d.

_____. **Para a Crítica da Economia Política**. Salário, preço e lucro. O Rendimento e suas fontes. A economia vulgar. Trad.: Edgard Malagodi [et al.] São Paulo: Ed. Victor Civita, 1982.

_____. A questão judaica. In: **Manuscritos Econômicos Filosóficos**. Trad. Alex Matins. Coleção A obra-prima de cada autor. São Paulo: Martin Claret, 2005, p.13-37.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Trad.: Álvaro Pina. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

_____. **Manifesto do Partido Comunista**. Trad.: Pietro Nasseti. 2.ed. São Paulo: Martin Claret, 2010.

MÉSZÁROS, István. **Filosofia, Ideologia e Ciência Social**. Ensaios de negação e afirmação. Trad.: Ester Vaisman. São Paulo: Boitempo, 2008.

NETTO, José Paulo. Para a crítica da vida cotidiana. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de; NETTO, José Paulo. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2007, p.64-90.

THOMPSON. Edward P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Vol. I. A árvore da liberdade. 4.ed. Trad.: Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.